

ASCENÇÃO E QUEDÁ DO

FILME "LIVRE"

SALVYANO
CAVALCÂNTI
DE PAIVA

A exceção de comédias, filmes de aventuras e desenhos animados produzidos pelos estúdios Walt Disney, das galhofas de Louis de Funès e do falecido Bourvil, e mais uma ou outra produção inglesa baseada em Dickens ou algum outro autor de contos e romances "para todos os públicos", que resta à criança de hoje, no cinema?

Bem, há sempre a televisão — derivativo ausente nos dias áureos do cinema — e os programas supostamente dirigidos indistintamente a todas as idades. Os seriados de aventuras, os semanais cômicos, as novelas dos horários menos nobres, e raros programas especialmente criados para a meninada, como o "Sesame Street", que está chegando, agora, ao Brasil. Ou o subdesenvolvido mas esforçado "Capitão Asa".

Mas, no ano todo, 95 por cento (ou mais) dos filmes são "fortes" — mesmo para a sociedade permissiva, mesmo para a criança modelo 1972, para quem a Lua fica ali na esquina. A esmagadora maioria dos filmes de qualquer procedência é vetada no Brasil aos menores de 18 anos. E restam bem poucos a serem legalmente vistos por adolescentes na faixa dos 10 aos 18 anos. Os pais dos menores de 10 anos sentem o drama nos fins-de-semana: não há filmes em cartaz "para toda a família".

Teria sido sempre assim? Não, amigos. Aliás fazer filmes realmente livres, nunca licenciosos, foi a filosofia que orientou um dos magnatas do cinema — talvez hipócrita pessoalmente, mas que cumpriu a missão a que se dedicou, Louis B. Mayer.

Na realidade, a geração que caminhou para a maioridade antes e durante a Segunda Guerra Mundial, antes da televisão e da bomba nuclear, foi melhor favorecida nesse aspecto, para não dizer mais feliz. Pais e avós de hoje viveram uma sociedade de transição de costumes mais lenta. Suas opções em divertimentos eram, do ponto de vista educativo, mais amplas. Eram opções mesmo, e não imposições ou submissões, como oferece a comunicação-em-massa destes dias.

ditado final feliz. Anestésico? Ou estimulante? O fato é que condicionava meninos e meninas, rapazinhos e moças a aplicar princípios positivos, pensamentos positivos, conduta positiva diante da vida. Os filmes não diziam que a vida era cor-de-rosa, mas diziam que se podia e devia lutar com as armas da razão, sem fugir para a violência, o sexo adoidado ou a alienação mental das drogas, por exemplo.

É claro que havia os frutos proibidos, os filmes franceses em que assomava o erotismo de Simone Simon e Viviane Romance, em argumentos adultos para platéias adultas, explorados principalmente pelos cineastas do "front populaire": Carné, Renoir, Feyder e outros.

É claro, também, que já no início da década de 30, durante e após a fase aguda da Crise Econômica de 1929, Hollywood visualizava a vida pecaminosa, e os melodramas passionais e criminais se colocavam num plano realista de denúncia que os tornava irremediavelmente proibidos ao público em formação, aos jovens. Assim, a série de dramas de sedução ou capitulação sexual estrelados por Marlene Dietrich, Constance Bennett, Norma Shearer, Joan Crawford, Loretta Young e Barbara Stanwyck. Ou o ciclo de banditismo desenfreado que projetou Paul Muni, Clark Gable, Edward G. Robinson, James Cagney, Wallace Beery, George Raft, Humphrey Bogart e Alan Ladd.

Mas o filme livre, o filme para todas as idades, não se limitava, como já se notou, a obra específica, a gêneros especiais, a temas determinados e interpretados por atores selecionados. Embora, é lógico, tenham sido produzidas versões muito bem feitas de "Alice no País das Maravilhas", "David Copperfield", "As Aventuras de Tom Swayer", etc., e adaptadas histórias lacrimogêneas extraídas de noveletas ou de histórias-em-quadrinho como "Skippy", "O Campeão", "Marujo Intrépido".

Na verdade, todos faziam filmes para todos. Todas as produtoras, todos os diretores, todos os roteiristas, todos os astros. O filme para crianças era pro-

Vivíamos a Era do Rádio e a Era do Cinema, conjuntamente, e restava idealismo e esperança nas filosofias em choque, mundo afora. Claro que a massificação se iniciava — nas sociedades totalitárias e, já se desenhando, nas sociedades democráticas, liberais, abertas. Os fabricantes de diversões sentiam um público compensador, na faixa infantil e nos adolescentes, e davam-lhes ilusões, escapismo. Porém, eram fábulas sadias, riso franco, música de verdade — com letras e melodias inspiradas e bem harmonizadas. O precursor da violência, no desenho animado, o "esquentado" Pato Donald, era um temperamental bissexto.

O cinema franco, o filme livre não tinha limitação de gênero. Mesmo "western" e o filme de "gangster" eram exibidos para menores, quando a violência era atenuada ou substituída pela inteligência e a força moral, e o herói — dentro de um esquema que os críticos sofisticados chamariam de maniqueísta, aleatório, vitoriano — surgia nobre, cavalheiresco, honesto, talvez simplório, mas a verdade e a honradez triunfavam sempre. Era o chamado — o censurado — "happy ending". Ben-





Nos bons tempos, a comédia proliferava: Mack Sennett, Charles Chaplin, os Irmãos Marx, Abbott & Costello e tantos outros. Durante mais de uma década, Laurel & Hardy — o Gordo e o Magro — divertiram as platéias do mundo inteiro. Estas comédias, felizmente, voltam de vez em quando.



O "seriado" tinha seu lugar assegurado na produção normal dos estúdios de Hollywood — "Jim das Selvas", "Charlie Chan" e outras "séries" que deliciavam as platéias de todas as idades. A série "Flash Gordon" foi uma das mais populares. O herói interpretado por Larry Buster Crable antecipou as viagens interplanetárias.



Os grandes estúdios dedicavam especial atenção ao filme livre para as platéias infanto-juvenis. Muitos nomes consagrados no mundo inteiro viveram personagens de histórias especialmente filmadas visando aquele público. No início da década de 40 foi notável o êxito de O Mágico de OZ (foto), um conto de fadas realizado com muita sensibilidade e que eternizou sua intérprete, Judy Garland.



Até hoje ainda se fazem filmes com o personagem criado por Edgard Rice Burroughs, o popular Tarzan. Entre os atores que o interpretaram destacou-se Johnny Weissmuller, campeão olímpico de natação, que se ajustou admiravelmente ao papel. Jane, sua companheira, também encontrou a intérprete ideal em Maureen O'Sullivan (foto: O Filho de Tarzan).

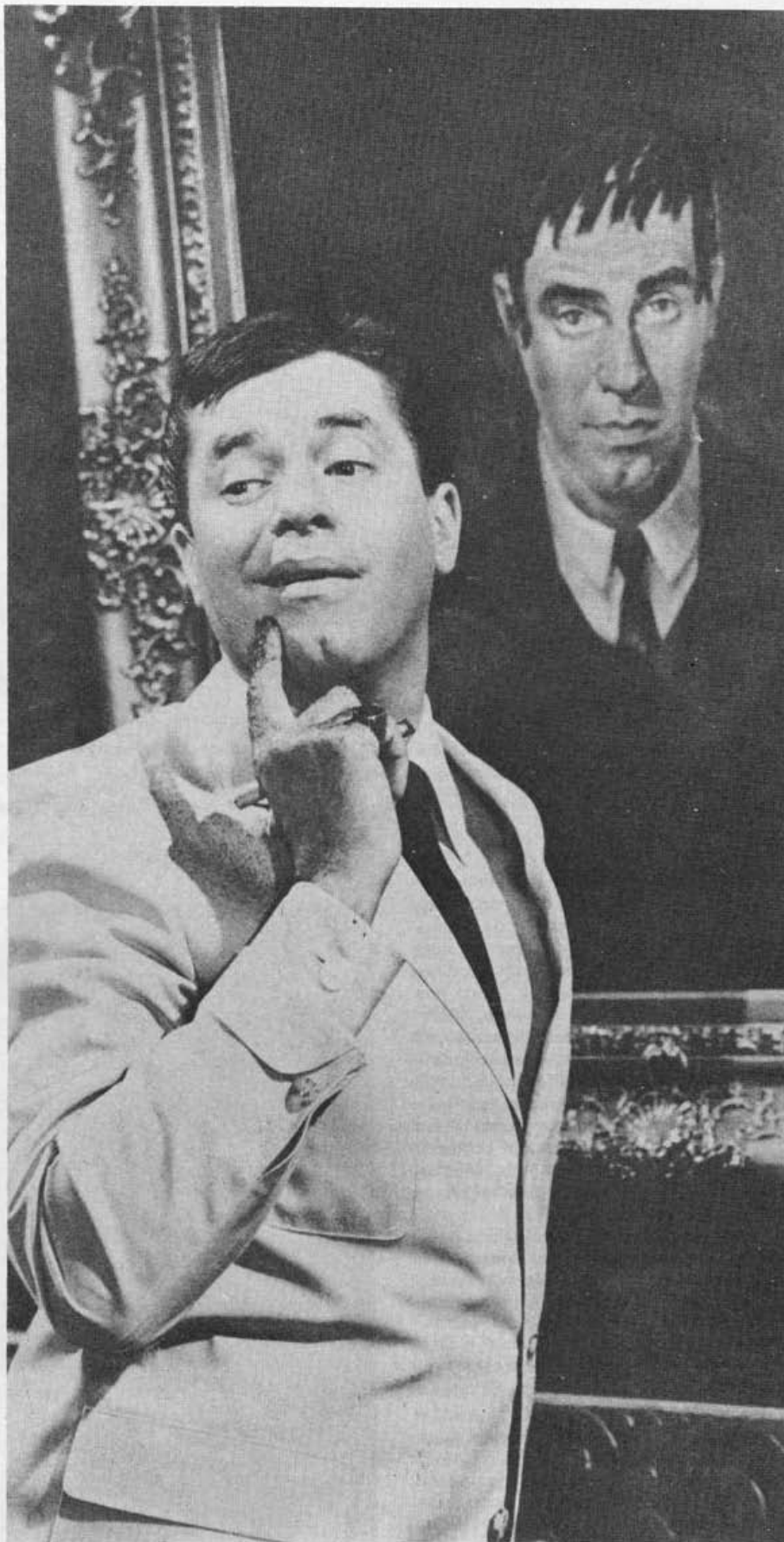
duzido em massa: Hal Roach utilizava o Gordo e o Magro (Laurel & Hardy) em comédias de "duas partes", obrigatórias como complementos de grandes produções livres ou adequadas às vespertinas domingueiras. A Fox tinha uma unidade de produção de filmes infantis, comédias educativas ou para simples distração, de onde emergiu, por exemplo, Shirley Temple. A pequena comédia constituía-se em tradição que remontava ao cinema silencioso — e alguns nomes avultavam como heróis indelévels desses episódios semanais completos: Charley Chase; Os Peraltas (Our Gang), de onde emergiu Mickey Rooney; os complementos musicais de onde se destacou Bing Crosby.

Também o desenho animado, complemento quase obrigatório, era fabricado em massa para um público certo e extenso: a Paramount tinha O Marinheiro Popeye; a United distribuía o Camundongo Mickey e o Pato Donald, além das "silly symphonies" de Disney; a Fox inventou os "Terry Toons"; a Warner mantinha os desenhos ingênuos, em preto-e-branco, de Bosko, os chamados Looney Tunes, e as encantadoras histórias musicadas e coloridas — "Merry Melodies" — obtendo, mais tarde, o inesquecível Bugs Bunny (Coielho Pernalonga). Somente na década de 40 surgiram os violentíssimos Tom & Jerry, de Hanna & Barbera, distribuídos pela Metro. E a sensualidade de Betty Boop ficava restrita aos programas para maiores de 18 anos.

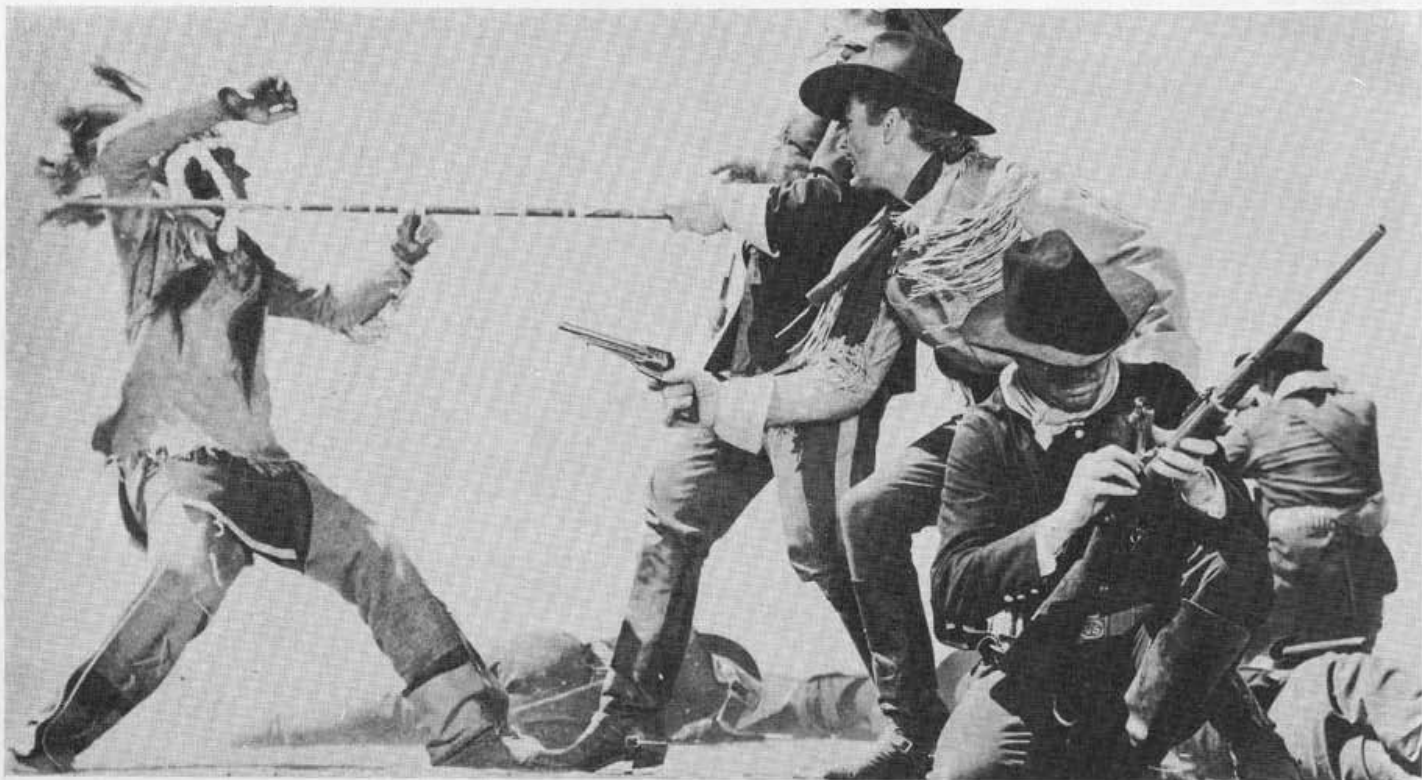
Metro, Universal, Paramount, Warner — todos os estúdios produziam os chamados filmes educativos de curta-metragem abordando viagens, biologia, pesquisas. O que hoje é exceção, no decênio 30-40 era a regra. E várias produtoras lançavam, semanalmente, em curta-metragem, revistas-de-bolso apresentando as mais famosas orquestras americanas, e as da vitaphone-Warner se chamavam "Broadway Brevities". Isto ajudava a espalhar música, alegria, beleza, e deu a dimensão universal da balada popular americana, do sapateado americano, da música de jazz.

A média de produção desses pequenos filmes livres era igual ou maior do que o número de semanas do ano. E uma empresa "vendia" o produto aos exibidores com um lema bem persuasivo: Um programa sem complementos os cinejornais: o "Fox-Movietone News", o "Metrotone News", o noticiário da Universal, o da Paramount e o de "galo" (RKO-Pathé-Warner).

No terreno da longa-metragem, as crianças aprendiam a História Universal



Jerry Lewis, que recentemente, em entrevista concedida ao "Variety", conclamou a indústria cinematográfica à realização de filmes sem exageros de sexo e violência, chamando atenção para a importante faixa de público que o cinema vinha perdendo — a infanto-juvenil —, marcou sua carreira, como ator e diretor, como um cineasta totalmente dedicado ao cinema livre para todas as idades.



Os filmes de aventuras eram uma constante — realizadores se exercitavam em sua profissão com os episódios heróicos, verdadeiros ou de ficção, abordados pelo cinema. Douglas Fairbanks, pai e filho, no mudo e no falado, Rodolfo Valentino, tantos outros, personificaram os homens valentes que defendiam o bem, a honra, o dever, numa série infindável de filmes do gênero. Errol Flynn pontificou em algumas obras exponenciais, como Capitão Blood (foto abaixo). As Aventuras de Robin Hood, O Intrépido General Custer (foto acima) e muitos outros.

(pela ótica americana) e se familiarizavam com os heróis e os anti-heróis dos Estados Unidos, da história e da ficção. Aprendiam a rir em larga escala com as comédias sofisticadas. Viam a beleza plástica e recebiam aulas de dança nos filmes-revista livres. E vibravam, especialmente, com os desbravadores do Oeste, no simplismo de vaqueiro primitivo, idealizado pelo cinema daqueles dias anteriores à nefasta colocação psicológica e sociológica da problemática da civilização de fronteira com o clássico *Stagecoach/No Tempo das Diligências*, de John Ford, ao mesmo tempo maravilhoso e abominável.

Antes das influências realísticas-deletérias, e banguê-banguê ou "horse-ópera", isto é, o chamado filme-de-cavali-nhos, apresentava um herói limpo, honrado, ingênuo, que usava mais os punhos do que os revólveres, mais o laço do que o beijo — numa mitologia esquemática, mas satisfatória. E que a criança aceitava como natural.

As intrigas eram simples e as soluções dos problemas, com a inevitável vitória do Bem sobre o Mal, inspiravam sentimentos de grandeza, de ordem, de nobreza e abnegação no espectador. Os heróis das vesperais eram Hoot Gibson, Ken Maynard, Tom Mix, Tim McCoy, Buck Jones, Johnny Mack Brown, George O'Brien, Bob Steele, John Wayne, William Boyd, Gene Autry, Roy Rogers, George Montgomery.





O "cowboy", elemento-chave dos filmes "westerns" — "o cinema por excelência" no dizer de alguns historiadores —, passou por diversas metamorfoses. A princípio era apenas o "mocinho", defensor da lei, da ordem, da justiça, que recebia o prêmio final pela missão cumprida e pela "mocinha" que conquistava. Com o passar dos anos, o gênero evoluiu, e os "mocinhos" deixaram de ser heróis imaculados, passando a incorporar as qualidades e os defeitos de qualquer humano. Nessa evolução o anti-herói também teve seu lugar. Nas fotos, Tom Mix, John Wayne, Clint Eastwood — modelos diversificados do "cowboy".

Os filmes eram livres porque o herói dos bons tempos era um campeão de humanidade, de lealdade, e, como escreveu Michael Wilson, "tinha um seu conceito de valores humanos, e o tinha bem alto, muito acima de certos interesses, e quando se tratava de ter de enfrentar um problema preferia resolvê-lo com a persuasão do raciocínio, do amor e do acordo, antes que com a força dos punhos".

O "cow-boy" do cinema livre era empregado de rancho ou livre-atirador, corajoso, implacável com os desordeiros e desonestos. O "cow-boy" do cinema proibido — "et pour cause" — é rico boiadeiro, ou próspero agricultor, ambicioso, covarde, desleal com a desordem, corrupto, toleante e impune. E mata para ver... **Shane** (Os Brutos Também Amam), George Stevens, 1953, foi a última reminiscência do vaqueiro mitológico que, terminada a tarefa de pacificar os ânimos, partia para nova missão em local imprevisto. O vaqueiro olímpico, imortal, forte de corpo e alma, espelho no qual se miravam os meninos daquele tempo.

Saudosismo? Não, bom senso. Havia o musical impróprio — os de Chevalier e Jeanette MacDonald, que Lubitsch e Cukor dirigiam, com cenas de alcova e diálogos picantes. E havia o musical

de enredo (digamos) caseiro, com trama simples, romance puro, números de coristas lindas cujo desvestir não ofendia ou excitava os jovens. E situações cômicas realmente impagáveis, porque combinavam a mímica e o diálogo — sem a grosseria, por exemplo, das modernas farsas italianas ou alemãs.

As revistas com Dick Powell, Ruby Keeler, Joan Blondell, Ginger Rogers, Hugh Herbert, Glenda Farrell — toda aquela turma boa da Warner; os musicais luxuosos de Samuel Goldwyn estrelado por um comediante excepcional, Eddie Cantor; os musicais-colegiais da Paramount, com Bing Crosby, Jack Oakie, Mary Carlisle, Betty Grable, e de tantas orquestras famosas; a série de filmes dançantes da dupla Fred Astaire-Ginger Rogers, que fizeram a glória de Pandro S. Berman e da RKO-Radio Pictures; os superingênuos musicais da Universal com Roger Pryor, Gloria Stuart, Johnny Downs; os **ice-musicais** da patinadora Sonja Henie; os **acqua-musicais** da nadadora Esther Williams.

No gênero de histórias juvenis, propriamente, com intérpretes juvenis, os nomes que garantiam livre acesso a todas as platéias, combinando a emoção das lágrimas e os risos trepidantes, tragicomédias da **problemática** escolar — esportiva, amorosa, profissional ou etária, mesmo — eram os de Shirley

Temple, Jane Withers, Bobby Breen, Judy Garland, Mickey Rooney, Ronald Reagan, Jane Wyman, Eddie Albert, Priscilla Lane...

Para a desforra das crises de fígado de cada um, cada estúdio apresentava seus favoritos protagonistas em comédias desopilantes cujo alvo maior era o público amplo, dos oito aos 80 anos. Livres, para todas as idades, eram os filmes de Lauren & Hardy, Irmãos Marx, Crosby-Hope-Lamour, Irmãos Ritz, George Burns & Gracie Allen, a Família Hardy, a Família Jones, Abbott & Costello. E no gênero capa-e-espada — impróprio às vezes até 10 anos — Errol Flynn foi o campeão absoluto de bilheteria. Mas não lhe faltaram êmulos.

Sim, havia o cinema livre — e havia o cinema libertino. A tragédia de hoje é que, ao alargar-se a faixa etária juvenil e infantil, não se disponha da menor chance do espectro de escolha de filmes que o cinema lhe oferecia há 30 anos — uma constatação histórica irredutível e, ao que tudo indica, irreversível.

A sociedade de consumo apresenta sua maior contradição: no campo da diversão acabaram-se os filmes "próprios" ou permitidos para menores, e registra-se o triunfo sinistro dos filmes exclusivamente "impróprios".